

# TRADUÇÃO E LINGÜÍSTICA: QUAL A RELAÇÃO POSSÍVEL?

**Adriana Zavaglia\***

*Resumo:* Este artigo propõe uma reflexão sobre a natureza complementar da relação entre a tradução e a lingüística na atualidade, levando em consideração que ambos os domínios, no que concerne à relação entre a linguagem e as línguas, podem entrecruzar-se.

*Palavras-chave:* Linguagem; lingüística; tradução.

**P**or volta da década de 1950, um certo interesse pelo tema da tradução começou a tomar corpo em alguns domínios do conhecimento, ao lado de diversas iniciativas de financiamentos para pesquisas nascentes na matéria. Com o desenrolar da Segunda Guerra Mundial e o desenvolvimento dos computadores, muitas transformações tiveram lugar: as abordagens sobre o assunto passaram a ser mais dirigidas, as teorias mais fundamentadas e as reflexões mais incisivas.

A Segunda Guerra provocou uma ruptura – se não total, ao menos parcial – entre a didática do ensino das línguas estrangeiras e a tradução. Na época, os países necessitavam de espões que pudessem passar despercebidos no território inimigo, trazendo informações importantes que orientassem suas estratégias de guerra. Para tal, os homens destinados a essa função precisavam falar bem, e sem sotaque, a língua do outro. Percebeu-se então que os métodos de ensino de línguas estrangeiras baseados em traduções não eram eficazes e deviam dar lugar a outros tipos de metodologias, como aquelas baseadas em novas tecnologias. A origem do método audiovisual,

---

\* Tradutora juramentada de francês e doutora em Lingüística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista – UNESP – Araraquara – SP (CNPq).

a qual não se pode dizer que tenha sido nobre, possibilitou o desprendimento da tradução da prática do ensino de línguas e, conseqüentemente, o despertar de sua independência como campo de estudo.

Ao lado dessa separação quase radical entre didática de ensino e tradução, os progressos da informática na década de 1940 também impulsionaram as pesquisas sobre o tema, uma vez que significavam uma inovação nas ferramentas a serem aplicadas a campos de estudos diversos, dentre os quais o da tradução. De início, os computadores não eram senão grandes máquinas de calcular que ocupavam andares inteiros de prédios de universidades. Os programas, ou seqüências de passos ou instruções dadas pelo homem à máquina, eram antes colocados manualmente no computador por meio de conexão de fios. Em sua memória eram apenas guardados os dados a serem calculados. Em 1946, descobriu-se que era possível inserir também na memória do computador os programas. Para alguns matemáticos, essa descoberta, aparentemente simples, significava a possibilidade bastante atraente de transpor para a memória do computador em forma de programa instruções sintático-lexicais relacionadas às línguas. Esse parecia ser o passo efetivo para transformá-lo numa máquina de traduzir textos automaticamente ou, em outras palavras, de substituir o tradutor pelo computador. Dava-se início à era da Tradução Automática.

Muitos órgãos fomentadores financiaram inúmeras pesquisas cujo tema comum era a automatização da tradução. Ao final de algum tempo, os resultados prometidos por essas pesquisas não foram alcançados, ou foram de forma extremamente precária, o que fez que os financiamentos existentes fossem pouco a pouco minguando e, conseqüentemente, os laboratórios de tradução automática surgidos aos montes pelo mundo, especialmente na Alemanha e nos Estados Unidos, fossem se extinguindo e dando lugar a outros tipos de pesquisa, menos superestimados e mais realistas, chamados comumente de Lingüística Computacional ou Tratamento Automático das Línguas Naturais.

A promessa da tradução automática atraiu muitos pesquisadores, inicialmente matemáticos e lógicos e, mais tarde, lingüistas, que se debruçaram sobre o tema. Dessa forma, sua história fugaz ou o seu *fracasso* não significou um desinteresse pelo assunto. Pelo contrário, juntamente com o desenvolvimento da informática e o aparecimento de novas abordagens lingüísticas, como a de Harris (Lingüística Distribucional) e a de Chomsky (Gramática Gerativa), a tradução passou a despertar um grande interesse por parte de ambas as comunidades científicas e, além disso, demonstrou que a máquina, em vez de substituir o homem, poderia servir-lhe como instrumento de apoio.<sup>1</sup> Foi então a partir da década de 1950 que o interesse pelo tema explicitou-se de forma mais contundente por meio de pesquisas mais sistemáticas.

1 Exemplos atuais desses instrumentos de apoio ao tradutor e a outros profissionais são os dicionários eletrônicos, os corretores ortográficos e gramaticais, tecnologias diversas

aplicadas à lexicografia e à terminologia (TRADOS, por exemplo) e, dentre muitos outros instrumentos, a própria Internet.

## AS TRÊS GERAÇÕES DA TRADUÇÃO

Nergaard (1995) divide as tendências teóricas sobre tradução a partir dos anos 50 em três gerações: as teorias que pretendiam elaborar uma *Ciência da tradução*, as que queriam construir uma *Tradutologia* ou uma *Teoria da tradução* e as que constituem, atualmente, um campo de estudos denominado *Translations Studies*.<sup>2</sup> A primeira delas se ocupava da frase como unidade de pesquisa, tendo se desenvolvido especialmente na Alemanha e nos Estados Unidos. Esses estudos privilegiavam os textos não-literários e a cultura do texto a ser traduzido; eram predominantemente lingüísticos e tinham como característica a proposição de ser um texto não-literário menos complexo que um texto literário. Em pleno século XX, o equívoco da separação da tradução literária de qualquer outra tradução por motivos de complexidade perpetuava-se. Nesse ponto já se esboça o primeiro, e chamado tradicional, ponto de vista sobre a tradução: traduzir é equivaler. Essa constatação levou diversos pesquisadores a postular que as estruturas lingüísticas seriam estáveis, fossem elas semânticas, sintáticas, morfológicas ou funcionais. A fixidez das estruturas acabou por determinar modelos de ou reflexões sobre tradução prescritivas que se ajustavam tanto ao texto a ser traduzido (do autor) e à sua cultura, relegando a cultura do texto traduzido (do tradutor), quanto a modelos abstratos universais e apriorísticos que tinham como intuito elaborar regras de equivalência para o tradutor traduzir bem o seu texto, o que caracterizou esse ponto de vista como especificamente normativo.

A segunda geração, conforme Nergaard, surgida nos Países Baixos no final dos anos 60, era uma reação à primeira e fundamentava-se na cultura do texto traduzido (do tradutor). Da frase, o texto passa a ser sua unidade de estudo e os textos literários são evidenciados. Esse fato justificase: essas teorias eram elaboradas por produtores de literatura (escritores) ou por teóricos de literatura (críticos ou pesquisadores). Apesar disso, essas reflexões, inspiradas no conceito de literariedade dos formalistas russos, tinham como objetivo descobrir o que era próprio e específico da tradução sem o apoio de teorias literárias ou lingüísticas. Nas palavras de Nergaard:

*Em outros termos, o objetivo não é mais o de superar o problema da tradução (reduzindo-o a uma série de regras de equivalência), mas de descrever os fatores que fazem de uma tradução uma tradução. Tal teoria, chamada por Berman de Tradutologia, é uma "reflexão que a tradução faz sobre si mesma, a partir do fato que ela é uma experiência". (1995, p.11)*

A terceira geração pretende ultrapassar a dicotomia entre o texto literário e o texto não-literário, entre a frase e o texto, e elege a interculturalidade como objeto de reflexão. Essa geração define a tradução, segundo Nergaard (1995), como "um ato de comunicação que advém das culturas" (p.15). Esses estudos são influenciados por diversos autores, notadamente por Derrida e De Man, colocando em xeque os conceitos de original e de autoria e estabelecendo a visibilidade do tradutor.

<sup>2</sup> Esses termos não foram cunhados originalmente por Nergaard: *Ciência da tradução* talvez tenha sido criado por

Fédorov; *Tradutologia*, talvez, por Berman; *Translation studies*, talvez, por Bassnett.

Na primeira geração podem ser inseridos, somente para citar alguns nomes, Wilss, Mounin, Nida, Catford, Jakobson, Levý, que pretendiam elaborar uma Ciência da tradução. Em torno da Tradutologia, ou segunda geração, podem ser citados: Holmes, Lambert, Van den Broeck, Toury, Even-Zohar, Meschonnic, Ladmiral, Berman, Lotman, Paz, Eco. Na terceira geração, dentre outros autores influenciadores, estão Quine e Gadamer; e dentre os influenciados, Venuti, Lefevere e Bassnett. Essa divisão de Nergaard é flutuante: Lefevere, por exemplo, transita, conforme o próprio autor, entre a segunda e a terceira gerações.

Muitos dos modelos lingüísticos da tradução elaborados nesse primeiro momento estão para a tradução como o behaviorismo está para a lingüística: ultrapassados; outros foram redefinidos e deram origem a novos modelos; outros, ainda, estão, até a atualidade, sendo desenvolvidos e analisados segundo outras abordagens mais recentes. Assim, a partir dos anos 50, a tradução começou pouco a pouco a constituir um domínio de pesquisa mais sólido e mais produtivo. Embora vários teóricos que se consagraram ao estudo da tradução segundo uma teoria lingüística tenham restringido e estratificado o domínio, a geração da Ciência da tradução parece ter sido uma das grandes responsáveis pelo início efetivo da sistematização do estudo da tradução e pela conseqüente transformação do tema em campo de pesquisa mais coeso e eminentemente interdisciplinar. Talvez uma de suas maiores contribuições consista no fato de ter provocado reações contrárias que culminaram em abordagens importantes na atualidade, dentre as quais podem ser citados os estudos desconstrutivistas da tradução.

### **TRADUÇÃO E ESTRUTURALISMO**

Na atualidade, as reflexões existentes sobre tradução estão encontrando no Brasil e no mundo um certo espaço nas universidades e têm se esforçado para estabelecer-se. Essas abordagens, calcadas na psicanálise, na psicologia, na filosofia, na literatura, entre outros, têm conseguido financiamentos cada vez maiores para pesquisas e têm aumentado significativamente o seu poder, tanto didática (com a abertura de cursos de graduação e pós-graduação) quanto cientificamente (com a crescente publicação de livros, revistas e com os inúmeros congressos que versam sobre o tema), fato esse extremamente positivo. Nesse cenário, porém, a relação entre a tradução e a lingüística pode se complicar se for levado em consideração o seu passado não muito feliz.

Como se viu, as primeiras pesquisas realmente sistemáticas sobre a tradução fundamentavam-se em teorias lingüísticas. Muitas delas introduziram conceitos de equivalência estatizantes que acabaram fazendo que o tradutor e sua produção, a própria tradução, fossem apagados e neutralizados diante do autor e seu texto. Além disso, essas teorias não dissociavam de maneira alguma o domínio tradutório do lingüístico, tratando a tradução ora como uma aplicação possível das leis e regras da lingüística, e nesse caso totalmente acessória e de importância relativa, ora como domínio de conhecimento inteiramente dependente da lingüística, e então sem a possibilidade de se vislumbrar o problema de outro ponto de vista

que não o da lingüística. Em princípio, qualquer tema que se asse-melhasse a uma tal distribuição receberia, e recebe até atualmente, o rótulo de *lingüística aplicada*, como os que se consagravam ao ensino de línguas (materna, estrangeira ou segunda) e à patologia da linguagem. Dessa forma, inúmeras áreas do conhecimento foram historicamente relegadas a um segundo plano.

Por terem sido amplamente aceitas no Ocidente, as teorias lingüísticas ligadas ao estruturalismo arraigaram-se nas academias e acabaram fazendo que outras lingüísticas (aplicadas ou não) fossem também, como a tradução, o ensino de línguas e a patologia da linguagem, transformadas em abordagens periféricas. Atualmente, no entanto, assiste-se a um forte despertar dessas lingüísticas, que pretendem encontrar também um espaço para si. No entanto, a hegemonia do estruturalismo diante de outras vertentes teóricas acabou por estigmatizar alguns conceitos lingüísticos, quase todos saussurianos, como os de signo, significado, significante e os de língua e de fala, esses últimos muitas vezes confundidos com os conceitos chomskyanos de competência e *performance*. O fato é que alguns pesquisadores, tanto da tradução como de outros domínios do conhecimento, não acompanharam o desenvolvimento da área. Assim, acabam considerando a lingüística um domínio de estudos fundamentalmente estruturalista, em que há consenso sobre inúmeros conceitos. Embora parte das teorias lingüísticas contemporâneas ainda sustentem suas contribuições na dicotomia saussuriana instaurada entre a língua e a fala, muitas outras teorias surgiram e pretendem dar conta de problemas específicos, algumas delas indagando-se sobre a natureza da linguagem e seus processos, outras sobre a funcionalidade e a ideologia das línguas. Dessa forma, as bases teóricas das diversas abordagens lingüísticas existentes diferenciam-se umas das outras, o que enriquece o debate sobre a linguagem e as línguas. Assim, a lingüística de base gerativa tem pontos de vista e objetivos diferentes daqueles da análise do discurso, ou da teoria valencial, da sociolingüística, da psicolingüística, do funcionalismo, da teoria das operações enunciativas, da lexicologia, da terminologia, da lingüística computacional, entre outros.

Essa pluralidade, no entanto, passa geralmente despercebida por alguns estudiosos da tradução cuja atuação muitas vezes vincula-se a programas de pós-graduação em lingüística aplicada ou em estudos lingüísticos. Esses pesquisadores pregam um distanciamento da lingüística pelas características estruturalistas que lhe atribuem, dicotomizando o domínio entre o que é tradicional – discorrer sobre tradução a partir de uma visão lingüística – e o que é moderno – refletir sobre a tradução a partir de qualquer outra visão que não seja lingüística. Essa resistência – compreensível – pode ser resumida na seguinte citação:

*Uma das razões, talvez uma das mais importantes, está no fato de que, enquanto a lingüística – por sua impostação estruturalista – questiona a natureza e a estrutura da língua (no sentido da langue saussuriana), a tradução não se limita a uma transposição de língua para língua, mas de texto para texto. Trata-se portanto de uma relação que se situa no nível da parole. Se a lingüística se ocupa da língua como um sistema, e de seu aspecto sincrônico, a tradução é um fato dinâmico que advém na diacronia. (Nergaard, 1995, p.8-9)*

Nergaard sustenta, em oposição ao estudo da *langue*, uma abordagem intercultural sobre a tradução:

*A afirmação de que a tradução tem mais a ver com a cultura que com as línguas nasce também pelo fato de que, entre todas as dificuldades e todos os aspectos para se levar em consideração, "a linguagem é certamente o menos importante". (ibidem, p.15)*

Essas citações conduzem a várias constatações a respeito de tais idéias. Por um lado, percebe-se nessas palavras a manifestação de um conhecimento deveras lacunar a propósito da multiplicidade de tendências que formam a lingüística; por outro, uma certa imprecisão na definição da interculturalidade. É bem verdade que alguns dos autores da terceira geração da tradução antes citados já sejam vistos atualmente com uma certa reserva. Porém, as questões aqui sugeridas ainda continuam sendo interrogadas da mesma maneira por muitos estudiosos da atualidade. Mas como é possível abordar a tradução sustentando nossas reflexões apenas sobre a interculturalidade de modo a negligenciar a linguagem por ser o *aspecto menos importante* se ela é, a nosso ver, a nossa capacidade cognitiva inata que nos permite traduzir? Além disso, como é possível separar as culturas das línguas e da atividade de linguagem? Certamente é possível recortar metodologicamente o campo a ser estudado, mas não acreditamos na possibilidade de negar e tratar como um aspecto acessório e insignificante aquilo que não podemos abordar por falta de conhecimento ou por discordância. Até que ponto podemos classificar em graus de importância as temáticas de estudo sobre um tema específico? O certo é que a linguagem é tão importante quanto qualquer outro aspecto que possa se referir aos domínios de pesquisa sobre tradução e, segundo nosso ponto de vista, ela é fundamental.

### **TRADUÇÃO E LINGÜÍSTICA PLURAL**

A lingüística procura entender, segundo o nosso ponto de vista enunciativo, a relação entre a atividade de linguagem e as línguas. E a tradução não é a prática criativa dessa relação? A criação, a subjetividade, a intuição, entretanto, não são exteriores nem às atividades do lingüista nem às do tradutor. As representações mentais que construímos desde nossa infância mais remota estão intimamente relacionadas a aspectos cognitivos dos quais não conhecemos, especialmente por motivos éticos, nem a menor das fatias e estão relacionadas a processos inconscientes de base fisicocultural. O investimento de significação do tradutor é, como o do lingüista, apenas em parte controlado conscientemente, mas resta aí uma enorme parcela de uma aparente arbitrariedade que permanece sem respostas e sem definições.

Assim, parece-nos mais judicioso ampliar o domínio de pesquisa e reflexão sobre a tradução em lugar de restringi-lo, expulsando dele qualquer abordagem lingüística que se queira textual. A filosofia, a psicanálise, a literatura, a história e a lingüística são domínios complementares em se tratando de tradução, e seus contornos não são totalmente perceptíveis nem

classificáveis. Onde termina a história e começa a literatura? E a filosofia? A lingüística? Por ora, sabemos apenas que ao encontrar uma resposta coerente para uma questão previamente formulada estamos também encontrando outros questionamentos, os quais nos fazem ter a certeza de que a primeira questão elaborada era mais ampla do que imaginávamos e que nossos objetivos ainda estão muito mais distantes do que gostaríamos. Assim, se há algumas inviabilidades em se abordar o tema da tradução pela lingüística (e elas existem!), que nunca pôde e não pode resolver todos os problemas relacionados à linguagem e às línguas, também há algumas inviabilidades em abordá-la pela filosofia, pela psicanálise ou por qualquer outro domínio do conhecimento. Como nenhuma abordagem pode, por si só, recobrir todos os problemas relacionados à tradução ou que dela emanam, pensamos que uma reflexão analítica da tradução que queira dar sua contribuição particular sobre fenômenos lingüísticos e linguagísticos dela decorrentes e passíveis de observação textual pode recorrer a uma teoria lingüística. Da mesma forma, uma determinada teoria lingüística que pretenda dar conta de toda a sorte de problemas lingüísticos e linguagísticos que envolva mais de uma língua pode observar os fatos lingüísticos que decorrem da tradução. Por esse motivo, parece-nos, a relação atual entre a lingüística e a tradução de um ponto de vista complementar é antes enriquecedora que descartável, e, além disso, completamente viável.

Embora, porém, possa servir para alguns propósitos, uma lingüística que não leve em consideração a atividade de linguagem e que seja essencialmente estruturalista não parece ser realmente de muita serventia para os estudos da tradução. Como os textos não contêm significados e como somos nós que devemos atribuir aos textos valores referenciais mediante um processo dinâmico e plástico de reconhecimento e produção antecipadamente interpretativa de formas abstratas, então não podemos considerar esse jogo complexo a partir da relação entre a língua (o sistema, o todo) e a fala (as partes), mas sim entre a atividade de linguagem (invariantes processuais) e as línguas de cada um de nós (os textos ou os agenciamentos e os marcadores). É somente a partir dessa última relação que poderemos inserir nesse jogo especular a nossa capacidade interpretativa permitida pela linguagem e pelas propriedades nocionais às quais remetem as palavras. E é essa capacidade que nos faz, como bem disse Culioli (2000), *partir do texto e voltar ao texto* na atividade de traduzir, construindo paráfrases a partir de um objeto textual construído que “não é mais o texto original, mas um texto filtrado por subjetividade” (Goester, 1987, p.30).

Para finalizar nossa breve reflexão acerca da relação entre a lingüística e a tradução na atualidade, parece-nos bastante pertinente citar algumas palavras de Chomsky:

*Numerosas questões permanecem, total, ou parcialmente, em suspenso. De um modo geral, as hipóteses que podem, correntemente, formular-se quanto à forma da linguagem deverão, com certeza, ser esclarecidas e corrigidas, e mesmo, sem dúvida alguma, modificadas nos domínios essenciais, no momento em que novos testemunhos críticos se acumularem e conhecimentos teóricos mais profundos se realizarem. Nos anos futuros, mudanças na teoria lingüística serão inevitáveis. Em suma, a lingüística é uma matéria viva.* (apud Nivette, 1975, p.115)

Atualmente, portanto, a lingüística, na qualidade de matéria viva e plural que aprende e se modifica com os erros e acertos cometidos, não se quer mais controladora, dominadora ou construtora de nomenclaturas, podendo dialogar com a tradução de forma complementar. Desse ponto de vista, ambos os domínios entrecruzam-se com respeito à relação entre a atividade de linguagem e as línguas: enquanto a lingüística tenta observá-la, a tradução a coloca em prática, pois é nessa relação fugaz, dinâmica e plástica que se dá, também de forma viva e plural, a tradução.

#### Referências bibliográficas

- CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations*. 2.ed. rev. Paris: Ophrys, 2000. v.1.
- GOESTER, J.-L. Reconnaître, représenter. *Le Français dans le Monde – Recherches et applications: retour à la traduction*. Collection Recherche, août/sept., 1987. p.26-32. Numéro spécial.
- GROSS, M. Notes sur l'histoire de la traduction automatique. *Langages*, n.28, p.40-8, déc. 1972.
- NERGAARD, S. (Org.) *Teorie contemporanee della traduzione*. Milano: Strumenti Bompiani, 1995.
- NIVETTE, J. *Princípios de gramática gerativa*. Trad. Nilton Vasco da Gama. São Paulo: Livraria Pioneira, 1975. (Biblioteca Pioneira de Lingüística)
- ZAVAGLIA, A. *Da invariância da linguagem à variância das línguas: contribuição para a elaboração de uma teoria enunciativa da tradução como um caso particular de paráfrase*. Araraquara, 2002. 331p. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista.

ZAVAGLIA, A. Translation and linguistics: possible relations? *Todas as Letras (São Paulo)*, n.4, p.81-88, 2002.

*Abstract: This paper presents some thoughts on the currently complementary nature between translation and linguistics taking into account that both domains may intersect with respect to the relation between language and natural languages.*

*Keywords: Language; linguistics; translation.*